

# APRESENTAÇÃO

Nesta obra, reúnem-se estudos desenvolvidos por professoras pesquisadoras vinculadas à Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ e que têm por objetivo observar variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas no âmbito do Português de São Tomé (PST) e do Português de Moçambique (PM), de modo a verificar possíveis convergências e divergências entre essas variedades e o Português do Brasil (PB).

São quatro os principais projetos que os originaram: *O vocalismo átono no Português do Brasil e no Português de São Tomé*, apoiado pela FAPERJ<sup>1</sup>, *Três variedades do Português em contraste*, apoiado pelo CNPq<sup>2</sup>, ambos coordenados por Silvia Figueiredo Brandão, *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias do Português*, o Projeto 21 da ALFAL<sup>3</sup>, coordenado pela referida pesquisadora e por Silvia Rodrigues Vieira, que também coordena o Projeto *Padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias do português: a natureza das restrições e o contato linguístico*<sup>4</sup>.

Nortearam a consecução de todos eles, fundamentalmente, os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968), bem como os desdobramentos da Sociolinguística Variacionista representados nas obras de Labov (1972, 1994, 2001, 2003, entre outras). Os estudos aqui presentes também baseiam-se em *corpora* comuns. As amostras do Português de São Tomé foram selecionadas do *Corpus VAPOR*, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL-PT), e as do Português de Moçambique, do *Corpus Moçambique* do Projeto *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias do Português* (UFRJ), acima referido.

De modo a contribuir para os debates sobre as origens do PB, partiu-se da hipótese de que, dado o caráter multilíngue das comunidades santomense e mo-

---

<sup>1</sup> Bolsa Cientista do nosso Estado – Processo E-26/201.435/2014.

<sup>2</sup> Bolsa de Produtividade em Pesquisa – Processo 304038/2016-4.

<sup>3</sup> Cf. <http://www.mundoalfal.org/sites/default/files/proyectos/EstudoSS.htm>. Cf. também o site [www.concordancia.lettras.ufrj.br](http://www.concordancia.lettras.ufrj.br).

<sup>4</sup> Bolsa Cientista do nosso Estado – Processo E-26/201.436/2014.

çambicana, seria possível nelas encontrar pistas sobre o que teria ocorrido com o Português nos períodos em que, no Brasil, ele coexistia, de forma mais efetiva, com línguas africanas e indígenas. Tal hipótese ancora-se no princípio do Uniformitarismo, proposto por Labov (1972) e segundo o qual forças que concorrem, no presente, para a variação e a mudança linguísticas são do mesmo tipo das que operaram no passado.

Em última instância, o que se pretende, no futuro, é traçar, com base em diferentes variáveis, um *continuum* em que se possa representar o maior ou menor distanciamento das variedades não europeias em relação ao Português Europeu (PE), aquilatar os efeitos do contato multilinguístico que parece determinar as especificidades das variedades africanas e brasileira e, conseqüentemente, discutir questões referentes à formação do PB.

Apesar de a questão da influência no PB das línguas indígenas autóctones e das línguas africanas transplantadas para o Brasil em decorrência da política escravocrata que dominou os primeiros anos da colonização já estar presente, entre outras, nas obras de filólogos brasileiros, como Serafim da Silva Neto (1950), a ideia da existência de um *continuum* afro-brasileiro vem sendo modernamente desenvolvida sobretudo nos trabalhos de Petter (2007, 2015) e de Avelar; Galves (2014, entre outros) sob diferentes prismas teóricos.

Petter (2015: 315), cujos trabalhos se concentram sobretudo no Português de Angola, afirma que “o estudo das variedades faladas na África desfruta de uma situação privilegiada, pois as línguas africanas ainda são faladas e interagem com o português. É interessante observar essa situação, pois ela pode fornecer dados cruciais para o entendimento dos contatos linguísticos e dos processos de mudança em toda a área de expansão da língua portuguesa”.

Na mesma linha, Avelar; Galves (2014: 243) sublinham que seus estudos “advogam em favor da hipótese do contato, explorando a ideia de que certas marcas gramaticais singularizadoras do português brasileiro no conjunto das línguas românicas se devem à ação dos contatos interlinguísticos estabelecidos entre falantes de português e de línguas africanas (em particular, línguas bantas)”.

Em virtude, justamente, de se acreditar ser possível contribuir para um melhor conhecimento do PB por meio do que se verifica hoje nos países africanos de Língua Portuguesa, decidiu-se iniciar as pesquisas observando duas variedades com características sociais e linguísticas específicas.

Brandão (2016: 69-70) indica as motivações que levaram à escolha do Português de São Tomé e Príncipe:

(a) dentre os países africanos que têm o Português como língua oficial, é a única variedade falada como L1 ou L2 pela maioria da população – 98,4%, em 2012<sup>5</sup> – sendo, hoje, a L1 da maior parte dela;

(b) em São Tomé e Príncipe, coexistem, além de quatro crioulos de base portuguesa – o Forro (ou Santomé) e o Angolar, na Ilha de São Tomé; o Lung'ie (ou Principense) na Ilha do Príncipe e o Fa d'ambô (ou Anobonense), da Ilha de Ano Bom (província da Guiné Equatorial) –, também o português dos Tongas, o Cabo-verdeano (crioulo de base portuguesa, nativo de Cabo Verde) e “resquícios de línguas do grupo Bantu” (HAGEMEIJER 2009: 1).

(c) os quatro primeiros crioulos citados, que, segundo Hagemeyer (2009: 4), hoje “línguas distintas, tiveram uma história comum”, partilham, como informa Ferraz (1976: 9), uma série de características e têm como substrato línguas maternas também comuns às dos africanos trazidos para o Brasil para servirem de escravos, o que amplia o interesse em observá-las em contraste com o PB;

(d) o Forro, em especial – usado, segundo o censo de 2001, por 72,4% da população mas reduzido, hoje, segundo o Censo de 2012, a apenas 36,3% de falantes – é considerado pelos habitantes da ilha de São Tomé como a “língua nacional”, embora, por ser estigmatizado, nem todos o dominem ou o utilizem nas situações intercomunicativas cotidianas;

(e) nas escolas, a norma de referência é o Português Europeu, conquanto, pelo que se observa, inclusive na fala de professores nativos, de maior nível de escolaridade, ela nem sempre seja observada no que respeita aos planos sintático, morfossintático e fonológico, conforme consta da observação de Hagemeyer (2009: 19) acima citada.

Já a escolha da variedade urbana do PM, representada por Maputo, leva em conta (GONÇALVES, 2010: 26-35) que,

(a) contrariamente ao que ocorre em São Tomé, o quadro de falantes do Português é mais reduzido: apenas 10,5% da população o têm como L1, embora seja ela a língua oficial;

(b) “a comunidade moçambicana de falantes de Português constituiu-se muito recentemente, tendo sido praticamente nula a difusão desta língua durante os primeiros quatro séculos de colonização”: só em meados do século XX, com a chegada de 140 000 colonos deu-se a “colonização maciça” desse território;

(c) coexistem com o Português, de estatuto minoritário, diversas línguas Banto, também minoritárias, entre as quais o Macua, o Changana, o Lomwe, o Sena e o Chuabo;

---

<sup>5</sup> Instituto Nacional de Estatística (<http://www.ine.st/demografia.html>).

(d) a grande maioria dos falantes de Português concentra-se nas áreas urbanas (72,4%) pelo fato de nelas existir a maior proporção de indivíduos com educação formal;

(e) os falantes de Português L1 predominam entre os mais jovens, decrescendo seu número entre os de mais de 50 anos.

Segundo, ainda, Gonçalves (2010), “uma razão importante para a fraca difusão do português em Moçambique reside na definição de uma política educacional para as colônias portuguesas” (p. 29), que só teria ocorrido a partir de 1930. Efetivamente, “só na década de 60-70 se registou um crescimento considerável de escolas dos vários graus de ensino (primário, secundário e técnico-profissional)” (p. 30). A partir de então, “o crescimento espetacular da população escolar e o alargamento dos contextos de utilização do português traduziram-se naturalmente por um aumento significativo do número de falantes dessa língua” (p. 32).

Uma visão mais abrangente sobre as comunidades alvo das pesquisas que ensejaram o estudo das variáveis aqui focalizadas encontra-se na Seção I do livro, composta por três capítulos.

No capítulo 1, Fabiane Nascimento focaliza questões relacionadas ao contato linguístico, que servirão de base para a melhor compreensão do que ocorre nas duas áreas e, ainda, para o debate sobre a gênese do PB.

O capítulo 2, da mesma autora, constitui uma síntese não só do processo de colonização de São Tomé e Príncipe, com ênfase nos diferentes ciclos histórico-econômicos do país, mas também uma apreciação sobre as diferentes línguas que nele coexistem.

No capítulo 3, Karen Cristina da Silva Pissurno, com base em literatura especializada e em sua experiência na pesquisa de campo em Maputo que redundou na formação do já citado *Corpus* Moçambique, traça um panorama da complexa realidade linguística e social desse país. Os três textos, apesar de seu caráter introdutório, são de fundamental importância para que se possam aquilatar os resultados expostos nos demais estudos.

A Seção II, constituída por quatro capítulos, está dedicada a variáveis fonético-fonológicas.

No capítulo 4, Silvia Figueiredo Brandão e Alessandra de Paula apresentam um estudo sobre os róticos, observando-os em contextos tanto pré-vocálicos quanto pós-vocálicos. As autoras concluem que, no PST e no PM, predominam as variantes mais conservadoras dos róticos (o tepe e a vibrante alveolar) e que, ao que tudo indica, neles não há a consciência fonológica da oposição entre um R [+ant] e um R [-ant] presente no PB e no PE.

No capítulo 5, Fabiane Nascimento estuda as vogais médias pretônicas no PST, buscando, em particular, determinar os fatores que concorrem para o alteamento. Seus resultados sugerem que, embora a norma de referência seja a europeia, os baixos *inputs* da regra de elevação (/e/: .40; /o/: .34) e a manifestação do processo de harmonização vocálica, na série tanto anterior quanto posterior, parecem confirmar a hipótese de proximidade entre crioulos de base portuguesa, PST e PB, no que toca à insubmissão à regra geral de redução, conforme Marquilhas (2003).

No capítulo 6, Danielle Kely Gomes focaliza as vogais postônicas mediais no PST e no PM, observando as restrições que determinam não só o seu apagamento, mas também o alteamento das vogais médias.

No capítulo 7, Raphaela Ribeiro Passos ocupa-se do ditongo /ei/ em contexto medial de vocábulo, como em *beijo*, e em contexto final em formas verbais, como em *cheguei*. Suas análises demonstram não haver qualquer registro da concretização de /ei/ como [ej], a exemplo do que ocorre na norma lisboeta do PE, e estar a monotongação em contexto medial sujeita aos mesmos condicionamentos que se observam no PB. Já em contexto final, esse processo está presente sobretudo na fala de indivíduos que utilizam o Forro com maior frequência.

A seção III, formada por três capítulos, diz respeito a variáveis morfossintáticas.

No capítulo 8, Silvia Figueiredo Brandão examina a concordância nominal, fazendo uma síntese dos estudos por ela realizados no âmbito do PST e apresentando a questão também no PM, concluindo que, nas duas variedades, a regra é variável e está sujeita a condicionamentos sociais e estruturais como se verifica no PB.

No capítulo 9, Karen Cristina da Silva Pissurno revisita trabalhos sobre a concordância verbal de terceira pessoa do plural no PST realizados no âmbito do mencionado Projeto da ALFAL e se ocupa, em especial, de pesquisa sobre o tema no PM que redundou em sua dissertação de mestrado.

No capítulo 10, Silvia Rodrigues Vieira e Maria de Fátima Vieira tratam da ordem dos clíticos no PST e no PM, buscando estabelecer padrões convergentes e/ou divergentes em relação aos que se observam no PB e no PE.

Com este conjunto de estudos, espera-se não só contribuir para o maior conhecimento do Português, mas também incentivar outros pesquisadores a empreenderem novas pesquisas sobre as variedades africanas em diferentes enfoques teórico-metodológicos, de modo que se possa, daqui a algum tempo, traçar o tão almejado *continuum* das variedades do Português.

Por fim, cabe passar aos agradecimentos:

- ao Prof. Dr. Tjerk Hagemeijer, renomado crioulista, que não só disponibilizou à equipe os *corpora* representativos do Português de São Tomé, mas também concedeu a honra de prefaciá-lo;
- às colegas autoras, que compartilham o interesse pelo estudo das variedades do Português, por, prontamente, aceitarem o convite para participar desta publicação;
- aos alunos de graduação engajados, com ou sem bolsa, em atividades de Iniciação Científica e/ou em trabalhos de conclusão de curso nos diferentes projetos que deram origem a este livro: Davi Bretas dos Santos Pessanha (Bolsa PIBIC/CNPq), Stefany de Paula Santos (Bolsa de IC/FAPERJ), Helen Lorena Rodrigues Elias Cordeiro (Bolsa PIBIC/UFRJ), Sofia dos Santos Alves (PIBIC/UFRJ), Thalles Candal Reis Fernandes (IC/FAPERJ), Monique Oliveira Corrêa, Nayse Hevellyn Magalhães Barcelos, Mateus Almeida do Pranto, Laura Cunha Calzolari, Amanda Carolina de Oliveira Santos, Maria de Fátima Vieira; e
- à FAPERJ, que, por meio da Bolsa Cientista do nosso Estado (2015-2017), concedida à organizadora da obra, tornou possível esta publicação.

Rio de Janeiro, abril de 2018.

**SILVIA FIGUEIREDO BRANDÃO**  
(Organizadora)

## REFERÊNCIAS

- AVELAR, Juanito; GALVES, Charlotte. O papel das línguas africanas na emergência da gramática do português brasileiro. *Linguística*, 30 (2): 241-288, 2014.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Aspectos da variedade urbana do Português de São Tomé: resultados e metas de pesquisa. In: AGUILERA, V. A.; DOIRON, M. P. B. (Org.). *Estudos geossociolinguísticos brasileiros e europeus: uma homenagem a Michel Contini*. Cascavel-PR: EDUNIOESTE; Londrina-PR: EDUEL, 2016. p. 67-87.
- FERRAZ, Luiz Ivens. *The creole of São Tomé*. Johannesburg: Witwatersrand University Press, 1979.
- GONÇALVES, Perpétua. *A gênese do Português de Moçambique*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2010.
- HAGEMEIJER, Tjerk. As línguas de São Tomé e Príncipe. *Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola*, Macau, 1(1): 1-27, 2009.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell Publishers, 1994. v. 1.

LABOV, William. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell Publishers, 2001. v. 2.

LABOV, William. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Ed.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Blackwell Publishing, 2003. p. 234-250.

MARQUILHAS, Rita. Mudança analógica e elevação das vogais pretónicas. In: CASTRO, I.; DUARTE, I. (Eds.). *Razões e emoção*. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003. p. 7-18.

PETTER, Margarida Maria Tadonni. Ampliando a investigação do *continuum* afro-brasileiro de português. *Papia*, São Paulo, 25(2): 305-317, 2015.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory of linguistic change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Org.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 97-195.

